

A mídia ruandesa no genocídio de 1994: a relação entre tutsis, *Inkotanyis* e a Frente Patriótica Ruandesa*.

Danilo Ferreira da Fonseca¹

Resumo: O Presente artigo busca entender como se deu a participação da mídia ruandesa no genocídio ruandês de 1994, refletindo o modo com que as diferenças tidas como étnica entre tutsis e hutus foram além de uma mera bipolarização étnica, incorporando no debate questões políticas, envolvendo principalmente a Frente Patriótica Ruandesa, e também questões históricas, como é o caso do papel dos *Inkotanyis* durante o período colonial.

Palavras chaves: Ruanda; Mídia; genocídio;

Abstract: The present article attempts to understand how was the participation of the media in Rwanda Rwandan genocide of 1994, reflecting the way they perceived as ethnic differences between Tutsis and Hutus were beyond mere ethnic polarization, incorporating political issues in the debate, involving mainly the Rwandan Patriotic Front, and also historical issues, such as the role of *Inkotanyis* during the colonial period.

Key-words: Rwanda; Media; Genocide;

Em 1994, Ruanda passou por um dos maiores genocídios do século XX. Milhares de ruandeses que se entendiam e eram denominados como hutus pegaram o seu principal instrumento de trabalho, o facão, e em pouco mais de cem dias assassinaram algo em torno de um milhão de ruandeses entendidos e denominados como tutsis e hutus moderados.

Dentre uma série de fatores que corroboraram com o processo histórico que levou ao genocídio, se encontra a comumente apontada influência dos meios de comunicação ruandeses, que teria ajudado a fortalecer as diferenças entre tutsis e hutus, além de coordenar as ações dos grupos de extermínio no decorrer do genocídio. Porém, a participação dos meios de comunicação é muitas vezes entendida de modo simplista e excessivamente objetiva frente às contradições e pluralidades destes agentes históricos.

* Artigo submetido em 15 de maio de 2013 e aprovado em 26 de junho de 2013

¹ Mestre em história pela PUC-SP e doutorando em história pela PUC-SP com a tese *Etnicidade e luta de classes na África contemporânea: Ruanda (1959-1994) e África do Sul (1948-1994)*. Professor Assistente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

O presente artigo pretende desenvolver os diferentes caminhos e concepções que a mídia ruandesa seguiu no período anterior e durante o genocídio, apontando como as principais revistas e rádios articularam as informações transmitidas no decorrer da guerra civil ruandesa (1990 -1994) e no subsequente genocídio (1994).

Para tal, foram utilizados como fontes uma série de trechos de revistas e transcrições de rádios ruandeses do início da década de 1990 que puderam ser resgatados a partir de relatórios da ONU, como o *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, de dezembro de 2003,

O início da década de 1990 foi para Ruanda um período de grande instabilidade, o enfraquecimento do Estado ruandês pautado no presidente Juvenal Habyarimana e dos próprios meios de vida sócio-econômicos dos ruandeses fez com que ocorresse uma série de conflitos por grande parte do país.

A insustentabilidade da sociedade levou uma série de setores a exigirem, de diferentes modos, o fim da ditadura de partido único pautada em Habyarimana, com isso, estava em xeque toda uma estrutura de dominação que já durava mais de duas décadas, já que Habyarimana havia chagado ao poder em 1973 a partir de um golpe do exército, depondo o antigo presidente Kayibanda.

No âmbito da política a pressão por uma abertura do regime advinha em grande parte de diferentes opositoristas de Habyarimana, desde grupos mais conservadores, que propunham um maior controle social em Ruanda, como também grupos políticos mais liberais, como o Movimento Democrático Republicano (MDR), o Partido Liberal (PL), e o Partido Social Democrata (PSD). Esta pressão também adveio, em alguns momentos, de entidades internacionais, como a ONU e outros países. De qualquer modo, o Movimento Republicano Nacional pela Democracia (MRND) de Habyarimana, permaneceu com amplo apoio da população ruandesa (STRAUSS, 2006:109).

Nesse contexto, o grupo opositorista que ganhou maior destaque foi a Frente Patriótica Ruandesa (FPR), Porém, num primeiro momento não é fácil identificar a postura da FPR. Numa análise mais apressada, que denota um processo meramente dicotomizado entre tutsis e hutus, o grupo opositorista seria apenas uma organização tutsi, contra um governo que favorece os hutus, porém, conforme indicam Mamdani e Gourevitch, dentre os membros

da FPR existia uma quantidade significativa de hutus.¹ A FPR surge a partir dos opositores ao governo de Habyarimana, que estavam exilados em Uganda, e que encontram um suporte estratégico militar com o Exército de Resistência Nacional (ERN).²

A partir de outubro de 1990 a FPR passa a fazer incursões ao território ruandês através de Uganda com o propósito de desarticular o governo ditatorial, já desgastado pelos descontentamentos internos. Sua precária estrutura inicial, com apenas quatro mil membros, impede que a organização opositora obtenha vitórias num primeiro momento, porém no ápice do confronto entre a FPR e o exército do governo ruandês em 1993, a Frente Patriótica Ruandesa contava com um número estimado de membros que ultrapassava novecentas mil pessoas (MANDANI, 2002:187). Nesta época Ruanda contava com um pouco mais de um milhão de indivíduos reconhecidos como tutsis e algo em torno de sete milhões de hutus.

A enorme quantidade de membros que a FPR obteve pode nos parecer proveniente de seus discursos voltado para a libertação nacional, porém, parte da população manteve reservas acerca das intencionalidades deste grupo. E essas suspeitas logo se manifestaram procedentes, pois, apesar do discurso libertador, a oposição armada passou a utilizar meios coercitivos para obrigar os camponeses a aderirem à sua causa, ou simplesmente ajudarem na luta a seu favor. Podemos refletir acerca da ação da FPR a partir de relatórios publicados pela *Human Rights Watch* sobre os abusos humanos cometidos pela oposição armada.

Nestes relatórios, como o *Beyond the rhetoric: continuing Human Rights Abuse in Rwanda* de junho de 1993,³ entrevistas com líderes desta organização opositora, mostram o seu menosprezo pelos camponeses, o tratamento desqualificador a que eram submetidos, considerados como ignorantes de menor importância.

Também as denúncias dos assassinatos aleatórios de civis e políticos, pilhagens e queima de propriedades, além do recrutamento forçado, executados pela FPR, demonstram o quanto, para os camponeses, a reinserção destas pessoas os remetia a um passado ainda recente, quando Ruanda era dividida em grandes propriedades, sem espaço para os pequenos camponeses que compunham grande parte da população.

Neste contexto de conflito acende dentre parte da população ruandesa o espectro do poder monarquista anterior a Revolução Hutu de 1959, em que a população hutu de Ruanda era marginalizada frente aos *Inkotanyis* (intocáveis), ou seja, os antigos monarcas do período

colonial que detinham a posse da terra e o poder para explorar a população, um período associado ao difícil acesso à terra e de pobreza, algo contra o que a população havia lutado e que configurara a denominada Revolução Hutu de 1959.

O conflito entre o Governo ruandês e a FPR vai trazer à tona as lembranças do antigo poder monarquista, nas mãos de um grupo predominantemente tutsi, a que se soma o medo da perda das terras e a violência das ações da FPR.

Porém, esta associação entre a Frente Patriótica Ruandesa, a monarquia e a figura do tutsi não se deu de modo imediato, mas sim num processo lento e com uma série de ambiguidades, em que se evidenciam diferentes posturas e concepções.

A associação que a população ruandesa faz da FPR com a monarquia é facilmente percebida e expressa nos meios de comunicação do início da década de 1990, de que são um exemplo os artigos da Revista *Kangura*,⁴ assim como as transmissões da Radio *Television Libre des Milles Collines* (RTL), as quais vão colaborar ativamente para a elaboração destas associações.

Assim, as edições da Revista *kangura* e as transmissões da RTL contêm uma série de elementos que nos permitem refletir sobre o processo de associação que se vai consolidando entre a FPR, a monarquia dos *inkotanyis* e a figura dos tutsis.

Num primeiro momento, com os ataques da FPR em outubro de 1990, a ala mais conservadora da população ruandesa, ligada principalmente [*Coalition pour La Défense de La Republique*] CDR (partido conservador, atrelado ao governo ruandês, que visava uma maior dominação hutu), que havia promovido, no passado colonial a expulsão dos aristocratas latifundiários predominantemente tutsis, começa a fazer críticas diretas à população tutsi ruandesa, como podemos ver no trecho abaixo publicado em fins de 1990 na revista *Kangura*:

Pessoas deste grupo étnico, que vieram para Ruanda no passado, falam sobre o grupo étnico dos Tutsis: os Tutsis vivem como gatos. Quando você tem leite, eles vêm até você. A única coisa que os fazem melhores que os gatos, ou melhor, a diferença deles com os gatos é que, uma vez que o leite já foi bebido, eles tentarão encontrar formas e meios de tirar o leite de você ou, até mesmo, tentar prejudicá-lo de alguma forma ou tentarão, também, manipular você. Então os hutus aproximaram-se dos tutsis, saudaram-nos como visitas, mas ao invés de dormir, como visitas o fariam, o pior - seu pior -, o pior dos seus hábitos tomou conta deles. Então os tutsis acabaram

por tomar o poder, e os hutus foram subjugados e usados como serviçais.⁵
[tradução própria]⁶

Neste trecho podemos perceber que o tutsi, ao ser comparado com um gato, é posto como um aproveitador, uma pessoa que constantemente vai passar por cima dos outros para conseguir seus objetivos, mesmo daqueles que em outros momentos os ajudaram com o “leite”, de modo a prejudicar a população hutu, tornando-a “serviçais” e servil.

Estes ataques diretos à população tutsis prosseguem concomitante ao primeiro avanço da FPR no território ruandês, e vão acentuando o tom discriminatório entre os dois grupos, como se pode observar nos “mandamentos” 1, 2, 3, 8 e 9, dos “10 mandamentos hutus”, publicados pela revista Kangura ainda também no final de 1990:

1. *Todo homem hutu deve saber que a mulher tutsi, de qualquer jeito que ela for, estão trabalhando em prol de seu grupo étnico Tutsi. Consequentemente, deve ser considerado traidor:*
 - *Qualquer homem hutu que casar com uma mulher tutsi;*
 - *Qualquer homem hutu que mantenha uma mulher tutsi com concubina;*
 - *Qualquer homem hutu que faça uma mulher tutsi sua secretária [doméstica] ou protégée.*
2. *Todo homem hutu deve saber que nossas filhas hutus são mais dignas e conscientes no seu papel de mulher, esposa e mãe. Elas são bonitas, boas secretárias [doméstica] e mais honestas!*
3. *Mulheres hutus, sejam vigilantes e tragam seus maridos, irmãos e filhos de volta a sua consciência [hutu].*
(...)
8. *Hutus devem parar de sentir pena dos tutsi.*
9. *O homem hutu, onde ele possa estar, deve estar unido, em solidariedade e estar preocupado com seus irmãos hutu.*
 - *Os hutus em casa e nas redondezas devem constantemente procurar amigos e aliados para causa hutu, começando com seus irmãos Bantu.*
 - *Eles precisam constantemente contrariar a propaganda tutsi.*
 - *O hutu tem que estar atento e vigilante quanto ao inimigo comum tutsi.*⁷ [tradução própria]⁸

Estes mandamentos, que circulavam com uma frequência relativa e até reduzida dentre os meios urbanos de Ruanda, mesmo com a invasão da FPR e com o início da Guerra Civil Ruandesa em 1990, mostram um ataque aos tutsis com um caráter que podemos considerar como sendo mais “étnico”, já que expressa em seus “mandamentos” 1, 2 e 3 uma preocupação direta com a figura da mulher e da relação matrimonial entre tutsis e hutus,

Em Tempo de Histórias

fazendo uma crítica direta às mulheres tutsis e uma valorização da mulher hutu. Denota também o quanto estes dois grupos estavam interligados por relações de casamentos, amizades, solidariedade, e formas diversas de sociabilidade.

Nestes trechos podemos ver que a mulher tutsi é colocada como alguém que trabalha “*em prol de seu grupo étnico*”, enquanto que as mulheres hutus são postas como melhores tanto fisicamente (“*bonitas*”), como também para alguns trabalhos domésticos. Hutus que não seguissem tais mandamentos deveriam ser vistos como traidores. Na mesma medida de uma preocupação com um caráter “étnico”, os “mandamentos” 8 e 9 mostram uma apreensão de uma união entre os hutus ruandeses, em que estes devem estar “*em solidariedade*”, se juntando contra a “*propaganda*” do “*inimigo comum*”, o tutsi.

Porém, estes ataques realizados por uma pequena parte da ala conservadora de Ruanda contra a população tutsi, não surtiram um efeito imediato em grande parte da população ruandesa, já que as afirmações desta natureza eram muitas vezes distantes da realidade concreta dos ruandeses que possuía uma série de relações cotidianas que os interligava, envolvendo diversas esferas sociais como relações matrimoniais, religiosas, econômicas, entre outras.

Mas, ante a evidência de que tais ataques diretos aos tutsis poderiam fragilizar ainda mais o já débil apoio ao governo, dado que as definições de um ou outro grupo perpassavam por inúmeros critérios nem sempre claros, e ante as críticas internacionais de fomento ao divisionismo interno; tais setores refluem nessa versão que transferia a polaridade real, material, por uma polaridade oportunista, calcada em premissas raciais, definidas quase que exclusivamente, por critérios políticos. Assim, passam para um outro discurso:

A Kangura não escondeu seu desejo de ver o nascimento de um novo movimento democrático, com apoio maciço dos Bahutu de Ruanda sem, no entanto, excluir os membros de outros grupos étnicos. Essa força pode constituir uma esmagadora maioria, que, com toda a sua boa vontade e intenções nebulosas, pode transformar Ruanda em um país democrático, orgulhoso de seu presente e com a certeza do seu futuro. Kangura não está negando os Tutsis e os Tuá o direito de formar seus partidos políticos democráticos ou associações... Kangura não quer ouvir aqueles que estão dizendo que quando você se referir a alguém como um Hutu, ou Tutsi, ou um Tuá, você está semeando a discórdia no país. Com o nosso movimento democrático Hutu que queremos configurar, esperamos ouvir um novo slogan: Viva a diversidade!!!⁹ [tradução própria]¹⁰

Podemos observar neste trecho a mudança para um posicionamento pró diversidade dos “grupos étnicos ruandeses”, a ser respeitada e gerida a partir de uma democracia representativa em que cada grupo teria “o direito de formar seus partidos políticos democráticos ou associações”. O próprio Manifesto da CDR, publicado na Revista *Kangura* também tangenciava com esta concepção de que na sociedade ruandesa, tutsis, hutus e tuás deveriam conviver num regime democrático. Tal manifesto aponta que:

*As três etnias devem resolver coexistir em paz, cada uma defendendo o seu próprio interesse, mas com o espírito do interesse nacional. A unidade nacional não pressupõe a simbiose entre as etnias, mas sim a colaboração na diversidade para o desenvolvimento de uma nação como um todo.*¹¹
[tradução própria]¹²

Ao mesmo tempo em que propõe a coexistência pacífica entre as diferentes partes ruandesas em prol do interesse nacional, é apontado também que este interesse nacional “não pressupõe uma simbiose”, ou seja, para a CDR de alguma forma existia uma cisão sócio-política entre os tutsis e hutus ruandeses.

Frente a uma conjuntura de fatores que fragilizavam o governo apoiado por estes meios de comunicação, se passa a unir no discurso o medo que a população campesina sentia de perder suas terras nos conflitos com o retorno da antiga ordem monárquica, ao retorno de uma minoria tutsi em contraposição à uma maioria hutu.

Articulam-se em torno da bandeira da defesa da república, tomando seus interesses particulares como expressão dos interesses da nação, o que facilmente podia ser incorporado, já que a ameaça da perda das terras e do retorno das oligarquias era entendido como real, caso a FPR atingisse seus intentos.

O lançamento do Manifesto da Coligação para Defesa da República, em 1992, demonstra como se dá esta tomada dos interesses destes setores enquanto interesses da nação, da república, a partir da leitura que fazem dos dados concretos da realidade.

deve ser reconhecido que as relações sócio-políticas em Ruanda caracterizaram-se desde a existência do país por um antagonismo real entre os grupos étnicos dos Hutus e Tutsis, que disputam e lutam pelo poder. Como resultado deste esforço, o interesse nacional tem sido ignorado em favor do interesse étnico. Este foi o caso durante o longo reinado da monarquia feudal dos Tutsis. O triunfo da Revolução Social de 1959, que restabeleceu a justiça e preparou o reinado da democracia, deveria ter

Em Tempo de Histórias

*posto um fim à luta étnica interna para a substituição da concorrência eleitoral. Mas, isso não levou em conta a obstinação dos senhores feudais Tutsi, que organizaram imediatamente, interna e externamente, a contra-revolução. A guerra de outubro é só uma extensão desta contra-revolução, cujo objetivo é a minoria Tutsi recuperar o poder.*¹³ [tradução própria]¹⁴

Podemos observar neste trecho que para a CDR uma suposta unidade nacional pregada anteriormente não seria possível, já que alguns “grupos étnicos” lutavam por seus “interesses étnicos”, como foi o caso do “*longo reinado da monarquia feudal dos tutsis*”. Segundo o fragmento destacado, o período caracterizado como sendo de um interesse étnico particular – no caso dos tutsis – só pôde acabar com a “*Revolução Social de 1959*”, porém a “democracia” atingida nesta “revolução social” foi constantemente ameaçada por contra-revoluções que buscavam os “interesses étnicos” dos “*senhores feudais tutsis*”, assim como a invasão da Frente Patriótica Ruandesa (posto no fragmento como “*a guerra de outubro*”) também expressariam “interesses étnicos” da “*minoria tutsis*”.

Desta forma liga-se a perspectiva de uma sociedade democrática com os hutus, ao mesmo tempo em que fazem associações entre uma sociedade não democrática com os tutsis, a FPR e a monarquia.

Tal associação foi feita paulatinamente, particularmente nas regiões urbanas, no decorrer do início da década de 1990 e foi se acentuando conforme a Frente Patriótica Ruandesa vencida o exército do governo ruandês e avançava pelo território do país. Assim, em julho de 1991, a *Revista Kangura* divulgava:

*...Todos nós sabemos que, com a exceção de alguns Hutus como o Kanyarengwe e Bizimungu, os refugiados que se tornaram Inyenzi-Inkotanyi¹⁵ são todos descendentes dos Tutsis. (...) Os Hutus devem entender que não são todos que estão travando uma guerra com os Tutsis, porque os Tutsis querem recuperar o poder que foi tirado deles pelos Hutus, todo mundo pode ver isso. Se você olhar bem, você verá que 85% dos Tutsis que vivem no país estão de alguma forma, relacionados com os refugiados Inyenzi-Inkotanyi que vieram nos atacar...*¹⁶ [tradução própria]¹⁷

Neste trecho podemos observar que para esta parte da população mais ligada ao governo de Habyarimana, ocorria “*de alguma forma*” uma relação entre os tutsis que moravam em Ruanda com os que estão sendo chamados no fragmento de “*refugiados Inyenzi-Inkotanyi*”, que no caso são os membros da Frente Patriótica Ruandesa. Tal designação é

Em Tempo de Histórias

Todos os males do país acabam por se resumir, nestas colocações, às investidas dos supostos aristocratas *inkotanyis* que vão se organizando de fora do país e que, de fato, já haviam participado de outras tentativas de golpes de estado.

*Você entende que a FPR que nos atacaram eram feitos por aquelas pessoas que tem origem dos Tutsis que fugiram em 1959, aqueles que nos atacaram antes de 1967. Assim, eles se organizaram e nomearam-se como FPR.*²⁰
[tradução própria]²¹

Nestes fragmentos podemos perceber que num período mais próximo ao genocídio ocorre uma comparação ainda mais direta com a Frente Patriótica Ruandesa e as ações oposicionistas contrárias ao governo da Primeira República de Kayibanda, realizadas na década de 1960. Para as camadas sociais mais ligadas ao governo não existia “*diferença entre a FPR*” e “*aqueles que negaram a república*” quando “*tentaram substituir a nova república pela antiga monarquia*”.

Por este ideário, a FPR seria composta pelos exilados da Revolução de 1959, que teriam encontrado nos descendentes que aqui ficaram, identificados genericamente como tutsis, o apoio para reconstituir a monarquia, com a mesma “*maldade*” e praticando os mesmos “*crimes abomináveis*”.

Relaciona-se diretamente os integrantes da FPR com os tutsis, não mais com a dicotomia entre tutsis da FPR e tutsis que viviam em Ruanda, mas sim colocando os tutsis como um grupo homogêneo, como se todos tivessem perdido suas benesses, ou seja, “*louros*” com a “*revolução popular*” e agora quisessem recuperá-los.

Invoca-se constantemente este passado ruandês transfigurado, principalmente o período revolucionário para se explicar o conflito da década de 1990 e também para incentivar uma unidade social entre os hutus, como podemos ver no “*mandamento 10*”, dos *10 mandamentos hutus*:

*10. A revolução social de 1959, o referendo de 1961 e a ideologia hutu devem ser ensinados ao hutus em todos os níveis. Todo hutu deve propagar a presente ideologia largamente. Todo hutu que persegue seus irmãos por ter lido, disseminado e ensinado essa ideologia, deve ser considerado traidor.*²² [tradução própria]²³

Assim, as conquistas da revolução de 1959 só permaneceriam com a unidade dos hutus, calcada em sua “ideologia”.

Esta rememoração transfigurada intencionalmente do passado, visando a unidade daqueles que eram classificados como hutus em torno de um governo debilitado, cumpria a função social de transferir os questionamentos às suas medidas repressoras para outro grupo, em um momento em que um perigo real ameaçava a população, tanto econômica, quanto fisicamente, com a investida da Frente Patriótica Ruandesa

Tão contraditória era a situação e tão inconsistente as acusações, que muitas vezes os mesmos acusadores constroem argumentos contrários dos até agora expostas. É o que ocorre, por exemplo, quando algumas destas publicações reconhecem o fato concreto de que muitos tutsis que viviam em Ruanda também estavam receosos com os avanços da Frente Patriótica e, portanto, não podiam estar associados a elas por uma questão étnica. Neste sentido, são exemplares as defesas de um locutor da RTL M que, em novembro de 1993 e maio de 1994, transmitia em altos brados:

*No começo, você ouviu uma mulher Inkotanyi que telefonou para me insultar. Você ouviu como ela me alertou, mas eu não suporto as atrocidades cometidas pelos Inkotanyi. Eles são como qualquer outra pessoa. Sabemos que a maioria deles são Tutsis e não são todos os Tutsis que são maus. E, no entanto, estes últimos, em vez de nos ajudar a condená-los, os apóiam. Mas acredito que no final, eles vão descobrir e vão punir de acordo.*²⁴ [tradução própria]²⁵

Tratava-se, provavelmente, de uma ouvinte tutsi que se sentira ofendida com as acusações de serem *Inkotanyi* que lhes eram atribuídas. Para o locutor, o problema era de distinguir quem apoiava os inimigos, no caso, os integrantes da FPR, conforme se pode deduzir pela continuidade de sua fala e de condená-los ou denunciá-los e/ou *puni-los de acordo*.

Para este locutor, o “*O inimigo que atacou Ruanda é conhecido; ele é a FPR-Inkotanyi*” e não podia ser “*considerado irmão enquanto estivesse lutando*”. A questão, enfatiza, é a investida da FPR e todos os que se associassem a ela, passavam a ser considerado inimigos independente da etnia em que estivessem enquadrados ou a que, de fato, pertencessem.

Enquanto a FPR lutar contra nós, nós a consideraremos como nosso inimigo, um inimigo de todos os ruandeses, enquanto ela nos atacar e lutar

Em Tempo de Histórias

contra nós, o consideramos como tal e nós lutaremos com ela da mesma forma. A razão pela qual eu digo que o inimigo é a FPR, é para distingui-los de outros que eles chamam de inimigo, mesmo eles não sendo realmente inimigos. Você está convidado a treinar e explicar à população a fim de evitar que qualquer pessoa possa levá-los a lutar uns contra os outros por conta de seu grupo étnico. Para ser um inimigo, ele deve pertencer a FPR...Um Tutsi, um Hutu, um Tuá que não é um soldado da FPR não é nosso inimigo, nós não podemos dizer que aquele que é de um grupo étnico diferente seja nosso inimigo, aquele que é de outra região é nosso inimigo. A FPR frequentemente usa esses elementos a fim de buscar uma forma de se infiltrar.²⁶ [tradução própria]²⁷

Nestas transmissões fica nítido que não havia, no início da década de 1990, uma visão unitária acerca do tutsi, já que, como vimos, este poderia ser colocado tanto como um verdadeiro inimigo de Ruanda, se ligado à FPR, assim como poderia ser visto como um irmão, se dissociado da FPR.

O locutor é claro quando declara não suportar os *Inkotanyis*, ou seja, os monarquistas, e dá ênfase ao esclarecimento de que nem todos os *inkotanyis* são tutsis, assim como deixa claro que apenas os que integram a Frente Patriótica Ruandesa são maus. Apesar disto, alerta para o fato de que se um conhecido estivesse na categoria da maldade, já que “*não são todos os tutsis que são maus*”, apenas os que possuíam alguma relação com os *inkotanyis*, deveriam ser denunciados.

O fragmento no qual o locutor se esforça para mostrar que o conflito que se travava no país não era um conflito entre diferentes etnias, que o verdadeiro inimigo de Ruanda não era o tutsi, mas sim o que ele chama de *FPR-inkotanyi*, que lutava contra o governo ruandês, refere-se a uma transmissão de abril de 1994, ou seja, já durante o genocídio, daí talvez a ênfase nesta distinção.

De todo modo, apesar de não possuírem uma visão unitária acerca do tutsi e seu local na sociedade ruandesa, ocorria uma unanimidade na designação de um inimigo específico em comum: os *inkotanyis* colocados como a Frente Patriótica Ruandesa. Era a Frente Patriótica Ruandesa quem deveria ser combatida, ela era a inimiga do Estado Ruandês sob a ditadura Habyarimana, e não necessariamente o tutsi em si.

Nas fontes analisadas os *inkotanyis* são postos como uma ameaça à parte, com uma frequência muito maior do que os tutsis e mesmo as associações entre os dois acabam por ficarem restritas em documentos como “*os dez mandamentos hutus*”.

Mesmo assim, em alguns momentos o conflito ruandês possuiu a tendência de criminalizar os tutsis, classificando a oposição sócio-política como sendo intimamente ligada a este grupo. Esta ligação entre os tutsis e a oposição não se reduz apenas a FPR, mas também setores sociais opositoristas, como comerciantes urbanos, empresários e bancários (ligados ao PL ou ao PSD). Estes setores sociais (compostos tanto por tutsis e hutus), que por serem contrários ao modo de vida ruandesa pautada numa sociedade agrária fechada, acabaram por apoiar uma oposição como a FPR.

O que se observa é um ataque contumaz a quem tivesse alguma riqueza, fossem comerciantes, profissionais liberais, ou pequenos produtores urbanos. Neste sentido eram associados aos tutsis e quando demonstravam ser pobres, eram acusados de estar escondendo a riqueza. Assim, setores opositoristas ao governo que se desenvolveram no meio urbano e que tinham certo acúmulo financeiro passaram a ser vistos como diretamente ligados aos tutsis, como podemos ver na transmissão abaixo, da RTLTM, de dezembro de 1993:

Isso me lembra Shamukiga. Quando ele ouviu que mais de cem pessoas tinham se reunido no Hotel Meridien Umubano para o lançamento da Radio RTLTM e supostamente arrecadaram dois milhões [de francos ruandeses], ele disse: Isto é incrível! Hutus são realmente incríveis! Como você verá, o dia que nós decidirmos lançar uma estação de rádio Tutsi, eu trarei cinco Tutsis juntos e arrecadarei cem milhões.” Hein! Você ouviu isso? (batendo sua língua contra o céu da boca). Bem, isso é verdade. Embora eles reclamem que tem sido tratados injustamente, eles são os que possuem todo o dinheiro. Pessoas que olharam os devedores da Poupança, constataram que a maioria deles eram simples Tutsis. Sim! Ou as mulheres Tutsi! Quanto aos Hutus..., os filhos de pais agricultores são realmente uns “cabeças-de-vento”.²⁸ [tradução própria]²⁹

Tal criminalização advinha dos grupos mais conservadores ligados a Habyarimana, como é o caso da RTLTM.

Desde o começo da década de 1990, havia acusações de que alguns comerciantes tutsis estavam enviando remessas de divisas ao exterior para auxiliar a oposição armada. O prefeito de Kigali, Tharcisse Renzaho, em carta enviada ao governo federal ruandês no começo da década de 1990 e publicada pela sétima edição da revista *Kangura*, por exemplo, traz esta acusação e estabelece esta relação entre as condições financeiras e os tutsis.³⁰

É possível perceber aí que a associação de um setor social financeiramente mais estável com os tutsis e com uma oposição a Habyarimana, vem acompanhada de uma tentativa de marginalizá-los socialmente, colocando-os como pessoas que reclamam mesmo com dinheiro na poupança, enquanto a maior parte da população ruandesa vive em condições de extrema pobreza, submetida a trabalhos duros, ou seja, são agricultores e hutus.

Estas associações entre acumulação financeira e tutsis também se encontram nos “10 mandamentos hutus”, particularmente nos “mandamentos” 4, 5, 6 e 7:

4. Todo homem hutu deve saber que os Tutsis são desonestos em seus negócios. Eles só estão procurando a supremacia étnica.

“RIZABARA UWARIRAYE”³¹

Deve ser considerado um traidor, qualquer homem hutu:

1- Que faça sociedade nos negócios com Tutsis;

2- Que invista dinheiro ou dinheiro do estado em uma empresa tutsi;

3- Que disponibiliza, ou empresta, para um tutsi

4- Que forneça favores nos negócios para Tutsis (fornecer importantes licenças, empréstimos bancários, terrenos para construção, concursos públicos...)

5. Posições estratégicas na política, administração, economia, militar e segurança do território devem ser em larga extensão confiada aos hutus.

6. No setor educacional, (pupilos, estudantes, professores) deve ser da maioria hutu.

7. As Forças Armadas de Ruanda devem ser exclusivamente hutus. Esta é a lição que aprendemos da guerra de outubro de 1990. Nenhum soldado deve casar com uma mulher tutsi.³² [tradução própria]³³

Nestes “mandamentos”, podemos perceber que a preocupação deixa de ser meramente “étnica” – como nos mandamentos 1, 2 e 3 que trata das relações conjugais –, para extrapolar para outras questões sociais, como nos negócios. No “mandamento” 4 há uma preocupação com o controle e com a participação estatal na circulação econômica, como também podemos observar nos “mandamentos” 5, 6 e 7 uma preocupação com o controle de cargos públicos, administrativos, militares e educacionais, que deveriam ficar nas mãos dos hutus, particularmente as forças armadas que não poderia, inclusive aceitar soldados casados com mulheres tutsis.

É interessante observar como, à medida que a guerra se acentua, os elementos distintivos entre hutus e outras etnias vão agregando novos valores, sentidos e significados, como podemos ver na transmissão da RTLM, de janeiro de 1994, na qual tutsis são acusados de manipuladores, enganadores, falsos:

Nesta guerra, neste turno rígido que hutus e tutsis estão girando juntos, colidindo em alguns outros, enganando alguns, a fim de fazê-los cair na luta... Eu tenho que explicar e dizer: "isto e aquilo... Os trapaceiros são assim e tal..." Você entende ... Se os Tutsis querem voltar ao poder por artimanhas"... Todo mundo tem que dizer: "Massa, seja vigilante... Sua propriedade está sendo levada embora. Está sendo tirado de você, aquilo pelo o qual você lutou em 1959. "... Portanto, crianças, não me condenem. Não tenho nada contra os Tutsis, ou Tuás, ou Hutus. Eu sou um Hutu, mas eu não tenho nada contra os tutsis. Mas nesta situação política, eu tenho que explicar: "Cuidado, os Tutsis querem tirar as coisas dos Hutus pela força ou truques".³⁴ [tradução própria]³⁵

Nesta transmissão, é possível observar, mais uma vez, que a grande ameaça que os tutsis poderiam trazer aos hutus era a da perda de suas propriedades, conquistadas na Revolução de 1959. O radialista alerta a “massa” para que fique vigilante aos tutsis, já que estes poderiam “tirar as coisas dos Hutus pela força ou truques”.

Estas argumentações que relacionavam questões de âmbito social aos tutsis reverberavam de modo mais efetivo na população do que os discursos pautados meramente em questões étnicas, trazendo medo e desconfiança aos hutus, já que qualquer tutsi, até mesmo seu vizinho poderia estar planejando no escuro alguma ação contrária a ele.

Durante o genocídio podemos observar que passa ocorrer uma maior dissociação entre uma crítica direta ao tutsi, e uma associação entre um tutsi e um membro da FPR, como podemos ver nas seguintes transmissões da RTLTM de maio de 1994, quando o genocídio já se alastrava pelo país:

Nós vamos lutar contra eles e nós iremos derrotá-los, isso é a verdade. Se eles não prestarem atenção, serão todos dizimados. Eu tenho observado isso, eles estão em minoria. Os Inkotanyi formam um grupo minoritário em Ruanda. Os tutsis são muito poucos. Mesmo que nós costumássemos dizer que eles eram 10%, talvez a guerra tenha tirado uns 2% disso. Eles são agora 8%. Será que eles cometerão suicídio? Será que eles serão exterminados?³⁶ [tradução própria]³⁷

A guerra que estamos travando, especialmente desde os primeiros dias em 1990, foi dito para nos preocuparmos com as pessoas que queriam instituir a “democracia”... Nós temos falado, e agora novamente, que isso era mentira... Esses dias, eles proclamaram, eles disseram que os Tutsis estão sendo exterminados, que ela estão sendo dizimados pelos Hutus e outras coisas. Eu gostaria de dizer a vocês, queridos ouvintes da RTLTM, que a guerra que estamos travando é realmente entre esses dois grupos étnicos, os Hutus e os Tutsis.³⁸ [tradução própria]³⁹

Em Tempo de Histórias

Nos trechos acima podemos observar que não se faz mais qualquer distinção entre tutsis e *Inkotanyis*. Contrariando o que foi posto em outros fragmentos, o inimigo passa a ser qualquer tutsi, o conflito deixa de ser apenas contra a FPR para ser uma guerra travada “*entre esses dois grupos étnicos, os hutus e os tutsis*”.

Esta concepção exposta no fragmento de uma crítica direta aos tutsis se aproxima dos primeiros fragmentos do início da década 1990 expostos no começo deste artigo. Mas naquele momento tais acusações não encontraram respaldo na sociedade, ao contrário do que ocorre no período do genocídio. Pois agora a questão deixa de ser o conflito para ser o extermínio, qualquer tutsi passou a ser um inimigo de Ruanda, e Ruanda era uma terra destinada aos hutus.

Com o avanço do conflito, essa argumentação étnica acerca do genocídio ganha ainda mais força, e isto ocorre de modo concomitantemente com a dificuldade de se encontram vítimas (já que grande parte das matanças foram realizadas no primeiro mês do genocídio) e o avanço da Frente Patriótica Ruandesa no confronto com o exército ruandês. Podemos ver um caráter novo na argumentação no seguinte trecho da RTL de junho de 1994:

*Cem mil jovens devem ser recrutados rapidamente. Eles devem todos resistir e então nós matamos os Inkotanyi e exterminamo-los, fácil assim...[Tr.] as razões que nós temos para exterminá-los, é que eles pertencem a esse grupo étnico. Olhe para a altura da pessoa e sua aparência física. Basta olhar para o seu pequeno nariz e quebrá-lo. Então iremos para Kibungo, Rusumo, Ruhengeri, Byumba, em toda a parte. Só iremos descansar depois de libertar o nosso país.*⁴⁰ [tradução própria]⁴¹

Podemos ver neste documento que existe um destaque para características físicas para se conseguir identificar os seus inimigos e aqueles que deveriam ser mortos. Para matar alguém e exterminar o “*outro grupo étnico*” bastava olhar “*para a altura da pessoa e sua aparência física*”, como o tamanho do nariz. Estas características físicas como tamanho do nariz e altura eram comumente atribuídas aos tutsis, ou seja, nesta fala, não importava quem era o indivíduo, apenas a sua “*etnia*”.

Todavia, não existia no momento do genocídio, uma distinção clara a partir da aparência física de quem seria um tutsi ou um hutu, ainda mais devido à grande quantidade de relações e casamentos entre estes dois grupos. Desta forma, constantemente foi preciso que os

coordenadores do genocídio fizessem anúncios públicos para que os genocidas tivessem uma certa cautela ao agir com bases apenas em questões físicas, como podemos ver no seguinte trecho abaixo de julho de 1994:

*Portanto Gahigi, uma vez na frente do microfone, por favor, explique a população que arma bloqueios que todos aqueles que têm nariz pequeno, magro, com a pele clara não é necessariamente um Tutsi. Caso contrário, você pode achar que nós, os Hutus, estamos matando outros Hutus por confundi-los com os Tutsis, por Inyenzi. Aonde nós iríamos assim? Você prende alguém e pede seu cartão de identificação. Você descobre que ele é um Hutu. Se você não entender, vá ver um Conseiller e pergunte a ele, vá ver o bourgmestre e pergunte a ele. Na minha opinião, isso deve ser uma prioridade e tem que ser absolutamente respeitado nos bloqueios de estrada.*⁴² [tradução própria]⁴³

Além da preocupação existente de ressaltar que existiam hutus com características que eram normalmente atribuídas aos tutsis, de modo que poderiam ocorrer erros, podemos perceber também a importância de duas figuras que tinham o poder de decidir acerca da “etnia” de um determinado indivíduo caso este fosse capturado e, mesmo com uma identidade hutu, ainda ocorresse uma dúvida acerca de sua real identidade. Tais figuras eram os *Conseiller* (conselheiro) e o *Bourgmestre* (prefeito). Estes dois importantes administradores públicos estiveram intimamente ligados na coordenação dos ataques após a queda do avião presidencial da Habyarimana, já que realizavam os cronogramas das matanças, as organizações e mobilizações para a ação de grupos paramilitares, além de realizar também listas de prioridades de quem deveria ser morto no dia.

Considerações finais

Pudemos perceber no decorrer deste breve artigo, que mesmo focado na mídia, uma das múltiplas causas que fomentaram o genocídio, existe uma pluralidade de concepções e caminhos na busca de se entender o processo histórico recente de Ruanda. A suposta bipolarização entre tutsis e hutus que comumente é apontada de modo apressado como sendo a causa única do genocídio ruandês, se mostra muito mais complexa ao nos focarmos nos meios de comunicação ruandeses, já que este trazem uma série de correlações entre tutsis e

hutus, passando desde o conflito bipolarizado, à diferenças sócio-econômicas da sociedade ruandesa, assim como a posição de cada grupo dentro da própria história ruandesa.

A ideia e a ação para um genocídio étnico foram estimuladas paulatinamente, partindo de uma crítica à oposição armada (FPR), relacionando-a com os monarquistas do período colonial e, logo, com um período de grandes limitações para grande parte da população, e, posteriormente, aproximando esta oposição “monarquista” com a figura de qualquer tutsi, relacionando estes pontos com situações concretas que o ruandês vivenciava. Tudo isto trouxe uma certa legitimidade e simplificação à ação do genocídio, mostrando assim, a importância que a mídia ruandesa teve para que um dos maiores genocídios do século XX pudesse ocorrer.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ana Cristina. *Contos sobre Ruanda: Uma análise crítica sobre o genocídio ruandês de 1994*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2005.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
- BERKELEY, Bill. *The graves are not yet full: Race, tribe and power in the heart of África*. New York, Basic book, 2001
- CLAY, Daniel. KAMPAYANA, Theobald. KAYITSINGA, Jean. *Inequality and the emergence of Non-farm employment in Rwanda*, Michigan, 1990.
- CLAY, Daniel. LEWIS, Laurence. *Land use, soil loss and sustainable agriculture in Rwanda*. New York, Plenum Press, 1996.
- COSTA, Emilia Viotti da. “Vozes no ar”. In: *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 204-243.
- EVERAERTS, E. *Monographie Agricole du Ruanda-Urundi*, Bruxelas, Direction de l’Agriculture et de l’évage, 1947.
- GOUREVITCH, Philip. *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias*. São Paulo, Companhia das letras, 2006.
- HATZFELD, Jean. *Uma temporada de facções: relatos do genocídio em Ruanda*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Na nudez da Vida: relatos dos pântanos de Ruanda*. Lisboa, Caminho, 2002.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Ébano: Minha vida na África*. São Paulo, Companhia das letras, 2002.
- KEATING, Vincent. *Ethnicity and the Rwandan Genocide*, 2005
- LEITE, Leila. *A África na sala de aula: vista a história contemporânea*. São Paulo, Selo Negro Edições, 2005.
- LEURQUIN, Philip. *Le Niveau de Vie des populations rurales de Ruanda-Urundi*. Lovain, 1960.
- MANDANI, Mahmood. *When victims become killers: colonialism, nativism and the genocide in Rwanda*, Princeton, Princeton University Press, 2002.

- NEWBURY, Catharine. Ethnicity and the politics of history in Rwanda. *África Today*, n 44, v. 2, 1997.
- SILVA, Alexandre S. *A intervenção humanitária em três quase-Estados africanos: Somália, Ruanda e Libéria*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2003.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*, São Paulo, Nova fronteira, 2005.
- STRAUS, Scott. *The order of the genocide: race, power, and war in Rwanda*, Ithaca, Cornell University Press, 2006
- TARDIF-DOUGLIN, David, NGIRUMWAMI, Jean-Léonard, SHAFFER, Jim, MUREKEZI, Anastase, KAMPAYANA, Théobald. *Finding the balance between agricultural and trade policy: Rwanda coffee policy in flux*. Michigan, MSU International development, Working Paper No. 59, 1996.
- RUCYAHANA, John. *The bishop of Rwanda*. Nashville, Thomas Nelson, 2006
- SILVA, Alexandre S. *A intervenção humanitária em três quase-Estados africanos: Somália, Ruanda e Libéria*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2003.
- TARDIF-DOUGLIN, David, NGIRUMWAMI, Jean-Léonard, SHAFFER, Jim, MUREKEZI, Anastase, KAMPAYANA, Théobald. *Finding the balance between agricultural and trade policy: Rwanda coffee policy in flux*. Michigan, MSU International development, Working Paper No. 59, 1996.
- VERWIMP, Philip. *Development Ideology, the Peasantry and genocide: Rwanda represented in Habyarimana's speeches*. Yale, GSP Working Paper No. 13, 1998.

¹ Gourevitch (2002), mesmo indicando em alguns momentos de sua obra uma coexistência entre tutsi e hutus dentro da FPR, a dicotomização entre estes dois grupos percorre a sua obra.

² O Exército de Resistência Nacional foi um movimento armado de Uganda que lutou contra Milton Obote em seu segundo governo (1980-1985).

³ **Doc.:** *Beyond the rhetoric: continuing Human Rights Abuse in Rwanda*, in: News from Africa Watch, vol. 5, nº 7, junho de 1993.

⁴ A Revista *Kangura*, criada e editada pelo jornalista Hassan Ngeze – que foi condenado pelo ICTR – era um importante meio de comunicação do início da década de 1990, com uma das maiores tiragens por edição no país, chegando a marca de mil à três mil exemplares.

⁵ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 4, novembro de 1990, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 58.

⁶ No original: People in this ethnic group, which came to Rwanda last, say that the Tutsi ethnic group - the Tutsis live like cats. When you have milk, they will come to you. The only thing that makes them better than cats - or, rather, their difference with cats is that once they've already drunk the milk, they'll try to find ways and means of taking the milk away from you or even to harm you or they will also try to rule you. So Hutus got close to the Tutsis, welcomed them as visitors, but instead of sleeping like visitors would do, the bad - his bad - or their bad habits got the better of them. So the Tutsis ended up by taking over power, and the Hutus were made subservient and were used as servants.

⁷ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 06, dezembro de 1990, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p. 45.

⁸ No original: 1. Every Hutu male should know that Tutsi women, wherever they may be, are working in the pay of their Tutsi ethnic group. Consequently, shall be deemed a traitor:/- Any Hutu male who marries a Tutsi woman/- Any Hutu male who keeps a Tutsi concubine;/- Any Hutu male who makes a Tutsi woman his secretary or protégée./2. Every Hutu male must know that our Hutu daughters are more dignified and conscientious in their role of woman, wife and mother. Are they not pretty, good secretaries and more honest!./3. Hutu woman, be vigilant and bring your husbands, brothers and sons back to their senses./ 8. Hutus must cease having any pity for the Tutsi./9. – The Hutu male, wherever he may be, should be united, in solidarity and be concerned about the fate of their Hutu brothers./- The Hutus at home and abroad must constantly seek friends

and allies for the Hutu Cause, beginning with their Bantu brothers./- They must constantly counteract Tutsi propaganda./- The Hutu must be firm and vigilant towards their common Tutsi enemy.

⁹ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 11, março de 1991, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 62.

¹⁰ No original: *Kangura* did not conceal its desire to see the birth of a new democratic movement, massively supported by the Bahutu of Rwanda without, however, excluding members of the other ethnic groups. This great force can constitute an overwhelming majority which, with all its goodwill and nebulous intentions, can transform Rwanda into a democratic country, proud of its present and sure of its future. *Kangura* is not denying the Tutsis or the Tuá the right to form their own democratic political parties or associations... *Kangura* does not want to listen to those who are saying that when you refer to someone as a Hutu, or a Tutsi, or a Tuá, you are sowing seeds of discord in the country. With our democratic Hutu movement which we wish to be born, we hope to hear a new slogan: Long live Diversity!!!

¹¹ **Doc.:** Manifesto da Coligação para Defesa da República, 1992, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 83.

¹² No original: The three ethnicities must therefore resolve to co-exist in peace, each defending its own interest but in the spirit of national interest. National unity does not presuppose the symbiosis of the ethnicities but rather collaboration in diversity for the development of the nation as a whole.

¹³ **Doc.:** Manifesto da Coligação para Defesa da República, 1992, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 83.

¹⁴ No original: This said, it must be recognized that socio-political relations in Rwanda have been characterized since the existence of the country by a real antagonism between the Hutu and Tutsi ethnic groups, who vie and fight for power. As a result of this struggle, the national interest has long been ignored in favour of ethnic interest. This was the case during the long reign of the Tutsi feudal monarchy. The triumph of the Social Revolution of 1959 that re-established justice and prepared the reign of democracy should have put an end to the interethnic struggle to replace it with electoral competition. But this did not take into account the stubbornness of the feudal Tutsi lords who immediately organized, internally and externally, the counter-revolution. The war of October is only the extension of this counter-revolution whose aim is for the Tutsi minority to recover power.

¹⁵ Baratas-intocáveis em Kinyaruanda.

¹⁶ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 19, julho de 1991, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 59.

¹⁷ No original: ...We all know that with the exception of a few Hutus such as Kanyarengwe and Bizimungu, the refugees who have become *Inyenzi-Inkotanyi* are all descendants of the Tutsis. (...) The Hutus must understand that they are not all waging the war as the Tutsis, because everyone can see that, the Tutsis want to regain the power that was taken from them by the Hutus. If you look closely, you will see that 85% of the Tutsis who live in the country are somehow linked with the refugees from which come the *Inyenzi-Inkotanyi* who attack us...

¹⁸ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 40, fevereiro de 1993, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case n.º. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 59.

¹⁹ No original: When the Tutsis were overthrown by the people's revolution in 1959, they have never slept again on their laurels. They have been doing their utmost to restore the monarchy by using their women *Bizungerezi* and money which seems to have replaced cows. In the past, cows were symbols of richness.

Who can establish the difference between the *Inyenzi* who attacked in October 1990 and those of the 1960s? They are all the same. The former are the offspring of the latter. Their wickedness is the same. All these attacks sought to restore the monarchy and the feudality [*Ubuhake*]. The abominable crimes committed by the present *Inyenzi* against the citizens are a reminder of those committed by their peers: killing, looting, raping young girls and women...

²⁰ **Doc.:** Transmissão da RTL, Gaspard Gahigi entrevista Ferdinand Nahimana, 20 de novembro de 1993, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p. 122.

²¹ No original: There is no difference between the RPF and the *Inyenzi* because the *Inyenzi* are refugees who fled Rwanda after the mass majority Revolution of 1959, the fall of the monarchy and the establishment of a democratic Republic. Those who refused the Republic and the democracy went into self-imposed exile. Not long

after, between 1962 and 1967, those refugees tried to replace the new Republic by the former monarchy. They launched attacks that killed people. However, Rwanda had then a national army, the national guard. Those sons of the nation did their best and drove those attacks out and in 1967, the *Inyenzi* stopped their attacks... You understand that the RPF that attacked us is made of those people, has its origin in those Tutsis who fled in 1959, those who attacked us until 1967. So, they got organized and named themselves RPF.

²² **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 06, dezembro de 1990, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 45.

²³ No original: 10. The 1959 social revolution, the 1961 referendum and the Hutu ideology must be taught to Hutus at all levels. Every Hutu must propagate the present ideology widely. Any Hutu who persecutes his brother for having read, disseminated and taught this ideology shall be deemed a traitor.

²⁴ **Doc.:** Transmissão da RTLM, Noel Hitimana como locutor, 30 de novembro de 1993, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 122.

²⁵ No original: Earlier you heard an *Inkotanyi* woman who telephoned to insult me. You heard how she warned me, but I cannot stand the atrocities committed by the *Inkotanyi*. They are people like everyone else. We know that most of them are Tutsi and that not all Tutsis are bad. And yet, the latter rather than help us condemn them, support them. But I believe that in the end, they will be discovered and they will be punished accordingly.

²⁶ **Doc.:** Transmissão da RTLM, locutor não identificado, 15 de maio de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 143.

²⁷ No original: The enemy who attacked Rwanda is known; he is the RPF-*Inkotanyi*. Here, I want to explain that the RPF is our enemy, no one will say that it is our brother while it will be fighting. This must be understood like that... Whenever the RPF fights us, we consider him as our enemy, the enemy of all Rwandans, whenever it attacks us and fights us we consider him as such and we fight him like that. The reason why I say that the enemy is the RPF is to distinguish it with another who they call an enemy although he is not really an enemy. You are asked to train and explain to the population to avoid whatever can lead them to fight each other because of their ethnic groups. Some people think that a person of different ethnic groups is your enemy. To be an enemy he must belong to RPF... A Tutsi, a Hutu, a Tuá who is not a RPF soldier is not our enemy we cannot say that the one who is from a different ethnic group is our enemy, the one from another region is our enemy. RPF often uses these elements in order to seek a way to infiltrate.

²⁸ **Doc.:** Transmissão da RTLM, Kantano Habimana como locutor, dezembro de 1993, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 124.

²⁹ No original: This reminds me of Shamukiga. When he heard that over one hundred people had met in Meridien Umubano Hotel to launch Radio RTLM and reportedly raised two million [Rwandan francs], he said: "This is amazing! Hutus are really amazing! As you will see, the day we decide to launch a Tutsis' radio station, I will bring five Tutsis together and raise one hundred million." Hein! Do you hear that! (clapping his tongue against the upper gum). Well, this is true. Although they were complaining that they have been treated unfairly, they are the ones who have all the money. People who glanced at the debtors of the Savings Bank found that most of them were simply Tutsis. Yes! Or Tutsi women! As for the Hutus..., the sons of the Farmers' Father are really scatterbrains.

³⁰ **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 7, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 66.

³¹ Ditado popular ruandês em kinyarwanda traduzido como: "Apenas aquele que passou uma noite de insônia pode falar da noite".

³² **Doc.:** Revista *Kangura*, nº 06, dezembro de 1990, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and sentence*, dezembro de 2003, p 45.

³³ No original: Every Hutu male must know that all Tutsis are dishonest in their business dealings. They are only seeking ethnic supremacy./"RIZABARA UWARIRAYE"/Shall be consequently considered a traitor, any Hutu male:- who enters into a business partnership with Tutsis;- who invests his money or State money in a Tutsi company;- who lends to, or borrows from, a Tutsi;- who grants business favours to Tutsis [granting of import licenses, bank loans, building plots, public tenders...]/5. Strategic positions in the political, administrative, economic, military and security domain should, to a large extent, be entrusted to Hutus./6. In the Education

sector, (pupils, students, teachers) must be in the majority Hutu./7. The Rwandan Armed Forces should be exclusively Hutu. That is the lesson we learned from the October 1990 war. No soldier must marry a Tutsi woman.

³⁴ **Doc.:** Transmissão da RTLM, Kantano Habimana como locutor, janeiro de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p 124.

³⁵ No original: in this war, in this hard turn that Hutus and Tutsis are turning together, some colliding on others, some cheating others in order to make them fall fighting... I have to explain and say: "This and that...The cheaters are so-and-so..." You understand... If Tutsis want to seize back the power by tricks... Everybody has to say: "Mass, be vigilant... Your property is being taken away. What you fought for in '59 is being taken away..." So kids, do not condemn me. I have nothing against Tutsis, or Tuás, or Hutus. I am a Hutu but I have nothing against Tutsis. But in this political situation I have to explain: "Beware, Tutsis want to take things from Hutus by force or tricks".

³⁶ **Doc.:** Transmissão da RTLM, locutor não identificado, 15 de maio de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p 136.

³⁷ No original: We shall fight them and we will defeat them, that is a truth. If they do not pay attention they will all be decimated. I have remarked it, they are in the minority. The *Inkotanyi* form a minority group in Rwanda. Tutsi are very few. Even if we used to say that they are 10% may be the war has taken away 2%. They are now 8%. Will they go on committing suicide? Won't they be exterminated?

³⁸ **Doc.:** Transmissão da RTLM, Gaspard Gahigi como locutor, 15 de maio de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p 134.

³⁹ No original: The war we are waging, especially since its early days in 1990, was said to concern people who wanted to institute "democracy"... We have said time and again that it was a lie. ...these days, they trumpet, they say the Tutsi are being exterminated, they are being decimated by the Hutu, and other things. I would like to tell you, dear listeners of RTLM, that the war we are waging is actually between these two ethnic groups, the Hutu and the Tutsi.

⁴⁰ **Doc.:** Transmissão da RTLM, Kantano Habimana como locutor, 4 de junho de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p 135.

⁴¹ No original: One hundred thousand young men must be recruited rapidly. They should all stand up so that we kill the *Inkotanyi* and exterminate them, all the easier that ... [Tr.] the reason we will exterminate them is that they belong to one ethnic group. Look at the person's height and his physical appearance. Just look at his small nose and then break it. Then we will go on to Kibungo, Rusumo, Ruhengeri, Byumba, everywhere. We will rest after liberating our country.

⁴² **Doc.:** Transmissão da RTLM, Gaspard Gahigi entrevista Hassan Ngeze, 14 de junho de 1994, in: *Prosecutor v. Ferdinand Nahimana, Jean-Bosco Barayagwiza and Hassan Ngeze: Case No. ICTR-99-52-T/Judgement and setence*, dezembro de 2003, p 256..

⁴³ No original: Therefore Gahigi, once in front of the microphone, please explain to the population manning roadblocks that all those having a small nose, slender, with a light skin are not necessarily Tutsis. Otherwise, you will find that we, the Hutus, are killing other Hutus mistaking them for Tutsis, for *Inyenzi*. Where would we go like this? You arrest someone and ask him his ID card. You find that he is a Hutu. If you do not understand, go and see the Conseiller and ask him, go and see the *bourgmestre* and ask him. In my view, this must be a priority and be absolutely respected on roadblocks.